

XII--O espírito missionário

Não tencionava escrever esta crónica. No próprio dia em que se publicava a primeira, entregava-as todas na Redacção das «Novidades», incluindo a entrevista com Sua Eminência, o Cardeal Suhard — entrevista que tinha ido a Paris e de lá regressado já, com a aprovação de Sua Eminência. O que tinha visto e ouvido em França durante as três semanas que lá me demorei era de tal modo ousado e novo para os nossos hábitos, que me pareceram indispensáveis duas coisas: primeiro, seguir uma linha de pensamento que conduzisse os leitores à compreensão das origens e das causas do movimento missionário do interior, sem chocar a nossa mentalidade ainda não preparada; segundo, concluir a série de crónicas com as palavras autorizadas do Cardeal-Arcebispo de Paris, para que não restassem dúvidas a ninguém da seriedade do nosso estudo. E as-

sim terminaria, por ora, reservando para mais tarde uma série de artigos sobre o complemento indispensável do esforço dos sacerdotes missionários, isto é, a organização dos leigos.

Ao coniar, porém, as minhas pobres crónicas às «Novidades», não sabia que outros tinham visto a França com mais perspicácia e mais rapidez do que eu.

Para esclarecer os leitores, parece-me, por isso, indispensável concluir desde já a exposição da «novidade» francesa. Não digo das «novidades» francesas porque tudo aquilo é um só esforço, realizado em várias partes e em sectores diferentes, mas sob um único comando e um mesmo espírito de união. A garantia de que se não trata de experiências isoladas, à mercê do primeiro irregular pela «brotoeja da liberdade», está na comunhão de idéias entre a Missão de França e a Missão de Paris, entre estas e a Paróquia do Pa-

dre Michonneau, entre todos e a Hierarquia, como se pode concluir da entrevista já publicada.

Esteja o leitor descansado. O espírito do «movimento» assenta na idéia de que o segre-

(Continua na 5.ª página)

para que as novas cristandades sejam exemplo e abrigo dos humildes. As igrejas e capelas serão humildes como Jesus, e nada destoará desta renúncia nos

próprios actos do culto. A exemplo do Senhor, a humildade lhes dará força para «tomarem a forma de servos». O Pastor segue as suas ovelhas; apascenta-as, dá a sua vida por elas, corre montanhas e vales à procura das que se perderam e a quem ama com um grande amor capaz dos maiores heroísmos.

Assim se compreende a razão pela qual alguns sacerdotes se têm feito operários e outros se têm feito povo. Assim se compreende o motivo pelo qual alguns Ex.^{mos} Bispos se têm feito também povo, colocando-se à frente do seu clero para seu exemplo e estímulo.

Eis, em poucas palavras, a essência da nova revolução cristã da França.

É duro, por certo, e muito exigente. Mas não será assim o Evangelho? Não terá perdido ele a sua eficácia, precisamente por não termos a necessária coragem de o cumprir, tal qual ele é?

Mas todo este trabalho sacerdotal teria bem pequenos resultados sem o apoio dos leigos, o apoio da Acção Católica. Veremos isso a seguir.

ABEL VARZIM

DESENVOLVIMENTO E SOLIDARIEDADE

do está na integral restauração da pureza do primitivo cristianismo. Neste sentido é que eles falam de que se não trata de nenhum método novo, nem de sistemas novos, nem de regulamentos novos. Pudera! O espírito não se deixa prender por nenhuma fórmula de organização; se é realmente espírito, transcende-as a todas e não se contém em nenhuma. O que vemos de impressionante no jovem clero francês é a preocupação e o cuidado com que se lançou à tarefa de sacudir das venerandas imagens da Igreja e de Cristo as montanhas de pó que os séculos sobre elas acumularam. Pensam assim fazer reviver em toda a sua beleza a figura de Cristo, para que o povo O reconheça e O ame.

Com. efeito:
1.º Cristo é a Verdade! Todos os que se consagram ao apostolado missionário têm de ter o culto da verdade, porque a Verdade é uma Pessoa, a Pessoa adorável de Cristo. O sistema das restrições mentais, das meias-verdades, da «diplomacia», da prudência humana, da esper-teza saloia de que, por vezes, tanto se usa e abusa, são anti-cristãs. Isto implica o combate mais decidido à mentira sob qualquer forma ou pretexto, e o culto mais entusiástico da verdade para com todos, incluindo os adversários. «A Verdade vos libertará».

2.º Cristo é o Amor. A exemplo dos primeiros cristãos, os novos apóstolos têm de prati-

O Senhor dissera: «nisto conhecerão que sois meus discípulos se vos amardes uns aos outros». Cristo manifesta-se pelo Amor. O apóstolo tem de amar os seus irmãos até dar a sua vida por eles. Amor também com os inimigos, os adversários, os que não pensam como nós, os pecadores. Esta caridade triunfará do mal e do pecado e será a força sobrenatural da reconquista cristã.

3.º Cristo praticou e ensinou a pobreza e a renúncia. Os apóstolos da idade atômica têm de dar exemplo de uma vida de pobreza e de renúncia, não só das riquezas, mas também da própria cultura burguesa. Isto não implica a renúncia à ciência — bem ao contrário — mas a uma forma de cultura e de civilização que os últimos séculos legaram à burguesia.

Cristo ensinou-nos, com efeito, a pedir o pão de cada dia, e não uma provisão para seis meses. É preciso acreditar na Sua palavra, mesmo quando nos manda olhar para as avezinhas e para os lírios do campo, que não semeiam nem colhem, nem tecem. Este abandono a Providência divina, desprende a alma dos apóstolos de todas as preocupações terrenas, coloca-os ao serviço desinteressado dos irmãos, e arrasta, por isso mesmo, as multidões.

4.º Cristo humilhou-se a Si próprio, tomando a forma de servo e fazendo-se obediente até à morte. O mesmo espírito infor-